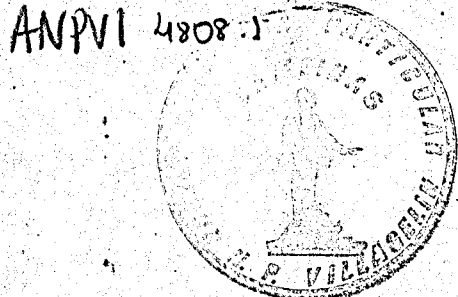


RUA 24 DE MAIO



Essa data lembra a batalha campal travada nesse dia do ano de 1866 e ganha heroicamente pelos brasileiros, ficando conhecida por "Batalha do Tuiuti". Em 1º de julho de 1889, foi mudada para a legenda do Cônego Cipião, sobre quem falamos mais adiante. Antes de ter a designação da memorável data, recebeu a alcunha de "rua das Formigas" devido à abundante presença delas no local.

(Extraído da página 77 do livro "Campinas - Ruas da Época Imperial", de autoria de Edmo Goulart, edição de 1983, impresso na Editora Maranata, à rua Piracicaba, 232, Campinas, SP).

anpv/05/1984



RUAS DA CIDADE

ALAËR M. GUIMARÃES

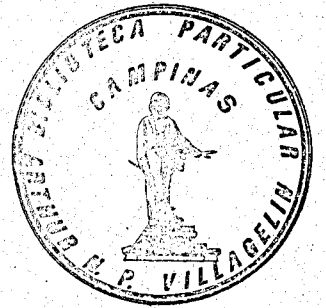
24 DE MAIO

Começa na rua Prudente de Moraes e termina na rua Benedito Otávio, no Bairro da Vila Industrial.

A denominação foi dada em 9 de março de 1874, por proposta do vereador Rafael de Abreu Sampaio (dados compilados pelo vereador Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "Ruas da Época Imperial"). porém, para a rua que ainda hoje tem o nome de Cônego Cipião. Com a homenagem presta-se ao Cônego Cipião

em 1.º de julho de 1889, por proposta do vereador dr. Ricardo Gumbleton Daunt, a rua 24 de maio passou para o local onde ainda hoje se encontra. Tem 15 metros de largura.

HISTÓRICO: A denominação de 24 de Maio, lembra a maior batalha campal da Guerra do Paraguai, travada nesse dia do ano de 1866 e ganha heroicamente pelos brasileiros e seus aliados, sendo conhecida na história por "BATALHA DE TUIUTI".



RUA VINTE E QUATRO DE MAIO

BATALHA DE TUIUTI

(24 de maio)

GENERAL OSÓRIO

SOLANO LOPEZ

No dia 24 de maio de 1866, Brasil e Paraguai travaram uma batalha em Tuiuti, um ponto perto do território paraguaio. O Paraguai era uma nação muito desenvolvida na época e o seu presidente Francisco Solano Lopez desejando ampliar seu território para poder expandir o seu crescimento invadiu Mato Grosso e as Províncias de Entre Rios e Corrientes e pretendia invadir o Rio Grande do Sul com a intenção de conquistar uma saída para o Atlântico. Brasil, Argentina e Uruguai se uniram formando a "Tríplice Aliança", contra o expansionismo do Paraguai. As tropas brasileiras que venceram a Batalha de Tuiuti foram comandadas pelo general Manoel Luiz Osório. Outras batalhas foram travadas entre o Brasil e o Paraguai até a paz definitiva assinada em 1872.

DIÁRIO DO POVO

QUINTA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1954



B. P. M. "Prof. E. M. Zick"

Documentário de Campinas

RUAS DA CIDADE

24 DE MAIO — rua

Começa na rua Prudente de Moraes e termina na rua Benedito Otávio, no BAIRRO DA VILA INDUSTRIAL.

A denominação foi dada em 9 de março de 1874, por proposta do vereador Rafael de Abreu Sampaio (dados compilados pelo vereador Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua antena "RUAS DA ÉPOCA IMPERIAL"), porém para a rua que ainda hoje tem o nome de Cônego Cipião.

Com a homenagem prestada ao Cônego Cipião em 1.º de julho de 1889, por proposta do vereador Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, a rua 24 de maio passou para o local onde ainda hoje se encontra. Tem 15 metros de largura.

HISTÓRICO: A denominação de 24 de Maio lembra a maior batalha campal da Guerra do Paraguai, travada nesse dia do ano de 1866 e ganha heroicamente pelos brasileiros e seus aliados, sendo conhecida na história por "BATALHA DE TUITUIT".



HÁ UM SÉCULO EMÍLIO MALLET DECIDIA A BATALHA DE TUIUTI

Vinte e quatro de maio de 1866. Era quase meio-dia quando as tropas aliadas acampadas em Tuiuti, vêem estalar no ar um foguete de guerra. Era o sinal do ataque paraguaio.

As tropas são tomadas de surpresa, pois tinham acabado de fazer o rancho. Quatro colunas inimigas surgem de dentro das matarias, cruzam os banhados e caem sobre os flancos e o centro dos exércitos aliados.

José Edwiges Diaz surge com seus seis mil homens e lança-se contra a esquerda dos brasileiros, enquanto Resquin ataca furiosamente a retaguarda argentina, levando de vencida a cavalaria de Corrientes, detendo-se apenas ante a resistência indômita dos infantés. Enquanto isso, Barrios caminha pelo potreiro de Piriz, procurando surpreender os brasileiros pela retaguarda. Porém, surge-lhe Osório pela frente, batendo-o e pondo-o em fuga pelo rio Sauce.

Hilário Marcó comanda a cavalaria guarani pelo meio da batalha. Avança com seus intrépidos cavaleiros de fardetas vermelhas, brandindo seu sabre recurvo. Ameaça cair sobre a cavalaria uruguaia, onde Flores o aguarda com seus batalhões formados em quadrado. Súbito, Marcó arremete pela direita, investindo contra a linha de baterias do nosso 1.º Regimento de Artilharia a Cavalô.

As quatro baterias se estendiam diante de um esteiro, ao lado de um laranjal abandonado. O seu comandante, o coronel Emílio Mallet, não se atemoriza com a carga terrível que se avizinha. Desde o dia 20, quando o exército entrara em Tuiuti, ordenara aos seus comandados que cavassem um fosso largo e profundo diante das baterias, evitando acumular a terra retirada sobre o parapeito, mas espalhando-a sobre o solo, para que aquêle obstáculo não fosse denunciado ao inimigo.

Os artilheiros patrióticos aguardam com impaciência a ordem de fogo contra a impávida coluna de Marcó, cujo tropel faz estremecer a terra. A cavalaria paraguaia avança ao som dos clarins, os cavalarianos de sabre alçado, as lanças em riste, uivando ferozmente, vociferando, procurando infundir terror nos contrários. Estão a 100 metros, a 50, a 30 metros. Mallet permanece imperturbável. Quando as primeiras filas estão a 14 metros de distância precipitam-se subitamente no fosso, misturando-se cavalos e cavaleiros em ulvos lancinantes. A cavalaria que lhes sucede passa-lhes por cima ou também é vítima do surpreendente ardil maquinado por Mallet. Muitas montarias continuam a cair, causando confusão entre as hostes paraguaias. A corneta brasileira ordena o sinal de fogo. Vinte e oito peças despejam suas cargas mortíferas sobre os soldados de Marcó. A cavalaria inimiga recua, dizimada pelos infantés de Flores. Mas os guaranis não se dão por vencidos. Recuam até o arvoredo, reorganizam-se e voltam à carga. Novo desastre e novas arremetidas desesperadas do intrépido Marcó, que, do meio-dia às quatro horas da tarde, não desiste de assaltar a artilharia brasileira, ordenando dez cargas fatídicas, até lhe restarem apenas quinhentos homens.

A batalha, entretanto, prosseguia em outros setores. O general Sampaio resiste desesperadamente com sua divisão à esquerda do centro, até cair mortalmente ferido, justamente quando garantia a vitória aliada naquela fase da batalha. Osório envia Argolo para socorrê-lo, enquanto continua a fazer frente às forças de Barrios, já vacilantes.

Marcó reúne seus últimos quinhentos homens e lança-se contra a infantaria de Mitre, que resistia com êxito aos ataques de Diaz. Mallet ordena à bateria Krupp que desfaça aquela carga. Suas granadas acompanham o avanço dos guaranis, liquidando pelotões inteiros. Marcó é forçado a retirar-se. E os últimos esquadrões de Lopez embrenham-se nas matas, deixando doze mil mortos ou feridos no campo de luta.

Travara-se nesse dia a maior batalha campal da América do Sul.



OSÓRIO E TUIUTI

Germano G. Zenkner

Em 1866 o Brasil encontrava-se em plena guerra com o Paraguai. O rio Paraná havia sido transposto nas vizinhanças de Itapiru e do Passo da Pátria, após a memorável batalha do Riachuelo. As operações militares desenvolviam-se agora em território inimigo, na margem direita do grande rio. As tropas aliadas sob o comando de Gen. Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina, dispunham de cerca de 32.000 homens. O grosso desse exército, após rechaçar as tropas de Lopez e invadir o território paraguaio, próximo a Corrientes, acampara, desde 17 de abril, em Tuiuti. O acampamento ocupava uma pequena elevação a cavaleiro da estrada que ligava Passo da Pátria a Humaitá. O terreno que tinha pela frente era áspero, com partes alagadas e densa vegetação, o que dificultava qualquer movimento fora das picadas. A ausência de outras elevações limitava a observação, reduzindo muito o campo de vista. Isso levou mais tarde o comando aliado a se valer do uso de balões para ampliar o campo visual e obter dados sobre esse terreno tão desconhecido e inóspito. O inimigo rondava pelas proximidades, oculto na mata e apoiado pelas fortificações de Humaitá e Curupaití. As medidas de segurança adotadas para a proteção da tropa acampada, entretanto, deixavam a desejar uma vez que o terreno, supremo ditador da guerra, não apresentava suficiente profundidade para a defesa e nem espaço para a manobra. Os movimentos por sua vez estavam condicionados às estreitas passagens através da mata e ao longo dos alagadiços. O exército aliado, por sua vez, vinha de duas campanhas anteriores e necessitavam articular o seu dispositivo. Ali estavam 21.000 brasileiros, 9.600 argentinos e 1.360 uruguaios. O Gen. Manuel Luiz Osório comandava a tropa brasileira, secundado por Sampaio, Argolo, Mallet, Cabrita, Mena Barreto e tantos outros heróis. Do inimigo pouco se sabia quanto ao seu efetivo e organização. Valor e bravura entretanto não lhe faltavam, como já havia demonstrado em combates recentes. Seus chefes eram homens valorosos, exímios cavaleiros e possuíam bom conhecimento da região.

No acampamento, os aliados descansavam e se refaziam das jornadas de Passo da Pátria e Estero Bellaço. Enquanto isso, a força paraguaia mantinha-se em grande atividade e seus chefes espreitavam todos os movimentos do adversário aguardando o momento propício para hostilizá-lo. Assim, em pouco tempo foi possível perceber a situação incômoda das tropas aliadas. Um ataque imediato seria uma boa decisão. Os preparativos foram, então, apressados e tudo se processou no maior sigilo. Na manhã de 24 de maio, o dispositivo paraguaio estava pronto. Eram 12 horas quando foi dada a ordem de ataque. A surpresa obtida inicialmente daria uma boa vantagem ao atacante. Nessa hora, a tropa aliada estava entregue às atividades de faxina e se preparava para o rancho, mantendo, entretanto, uma vigilância de pequeno efetivo em posição de combate.

O ataque paraguaio desembocou rapidamente pelos estreitos caminhos que davam acesso ao acampamento aliado. O choque sobre os primeiros elementos foi violento e tudo foi de roldão. Foram terríveis para os aliados aqueles primeiros momentos de surpresa e de confusão. Dado o sinal de alarme os soldados correm para as suas posições de combate. A fuzilaria dos atacantes vai fazendo suas primeiras vítimas. O entrevero é grande. Mallet à frente de seus artilheiros, é dos primeiros a entrar em combate. A inesquecível divisão encouraçada do Gen. Sampaio, formada em quadrado, surge como uma barreira intransponível contra a qual se quebram as repetidas ondas dos assaltantes. O Gen. Osório aciona

sua cavalaria e coordena as ações das tropas aliadas. Monta o seu fozoso corcel de combate e acode com reforços onde necessário e faz-se presente em todos os lugares onde o inimigo ataca com maior ferocidade. O fogo torna-se mais intenso e nenhum sinal de cansaço ou de fraqueza embarga a ação daqueles bravos que resistem heroicamente às estocadas dos aguerridos soldados de Solano Lopez. Em pouco tempo o campo de batalha transforma-se em um mar de sangue e por todos os lados jazem os corpos mutilados pelos golpes de sabre ou pelos estilhaços das granadas.

Tudo se agita e, paulatinamente, aqueles combatentes que momentos antes eram colhidos de surpresa, vão reagindo e dominando a situação, mudando a feição do combate. Os paraguaios começam a fraquejar...

Osório, pressentindo que era chegado o momento supremo da batalha, manda tocar "avançar... carga". Os soldados aliados vibram de entusiasmo e, a cavalo ou a pé de lança em riste ou de baioneta calada, lançam-se impávidos ao decisivo encontro e, no tremendo corpo-a-corpo que se seguiu, cada soldado demonstrou o seu valor e a sua coragem. A vitória começa então a se esboçar, os paraguaios não resistem às perdas enormes e, em pequenos grupos começam a abandonar o campo de batalha, procurando refúgio na mata, a fim de salvar o pouco que havia sobrado de suas tropas.

Chega o fim esperado daquela batalha colossal e, agora, resta o espetáculo dantesco do terreno juncado de mais de 6.000 mortos e feridos.

Os brasileiros tiveram perdas humanas de grande valor, contando-se entre elas, a do inesquecível Gen. Sampaio que foi retirado do campo de batalha mortalmente ferido. O Gen. Osório, verdadeiro artífice dessa magnífica vitória, tornou-se um ídolo dos soldados vitoriosos. Desse dia em diante, passou a representar um símbolo para o soldado brasileiro e é hoje o patrono da arma de cavalaria.

Osório, entretanto, não se orgulhava de seus triunfos, antes procurava apagar o seu mérito para fazer sobressair o de seus companheiros de glórias e de fadigas. A 15 de julho, Osório, por motivo de doença, foi levado a passar o comando de seu Corpo de Exército ao Gen. Polidoro e retira-se do teatro de operações. Suas atuações à frente de nossos soldados em Tuiuti, não foram esquecidas e todos desejavam ardentemente que ele regressasse tão logo estivesse curado. Assim, em 1869, vamos encontrar esse grande general novamente à frente de seu Corpo de Exército. A volta de Osório era esperada desde junho. No dia aprazado, chega Osório no acampamento de Piraju. A tropa toda em forma, sob o comando do conde D'Eu aguardava o vencedor de Tuiuti. O conde adiantou-se para cumprimentar o valoroso gaúcho. Soarem as músicas marciais. Um viva ao general Osório brotou espontâneo do coração de todos aqueles homens. E, então, ocorreu alguma coisa imprevista e fantástica, os soldados desprezando a disciplina militar, abandonaram as fileiras e correram para rodear o grande chefe. Aquele verdadeiro escândalo militar, revelador de glória e de reconhecimento, durou uma longa hora. À noite, como uma homenagem ao grande condutor de homens, os soldados iluminaram as barracas até o toque de silêncio, usando milhares de velas dentro de cartuchos de papel.

Osório e Tuiuti estão pois intimamente associados. Não se pode citar Tuiuti sem que a figura majestosa de Osório seja lembrada e enaltecida.

Tuiuti foi a maior batalha campal até hoje travada em terras da América do Sul e Osório, o "Legendário", o grande soldado cuja vida é um exemplo sem par de serviços prestados à Pátria brasileira.

O dia 24 de maio é um dia glória nacional. Nesse dia devemos voltar nossos pensamentos para as figuras respeitáveis daqueles heróis de 1866 e com a veneração que lhes devemos, refletirmos sobre o grande exemplo que nos legaram. A Pátria exige de nós o amor e a dedicação a seus heróis, porque a eles devemos o nosso glorioso presente. Prestemos, portanto, hoje as nossas carinhosas homenagens aos bravos de Tuiuti, saudando-os com respeito e gratidão pelo muito que fizeram nos campos de batalha em defesa dos legítimos interesses da Pátria brasileira.

Glória eterna aos heróis de Tuiuti.
Glória eterna à Pátria brasileira.